Materialidade de além-túmulo: o Zuavo de Magenta

Apresentamos na ultima LIVE uma das Conversas Além Túmulo da Revista Espírita de 1859, tratando do tema Materialidade de além-túmulo.



Desta vez, eles conversam com um soldado morto em batalha.

> *O governo permitiu que os jornais apolíticos dessem notícias da guerra*. Como, porém, são abundantes os relatos sob todas as formas, seria inútil repeti-los aqui. A maior novidade para os nossos leitores é uma história vinda do outro mundo.*
>
> *Embora não seja extraída da fonte oficial do Moniteur, nem por isso oferece menos interesse do ponto de vista dos nossos estudos. Assim, pensamos interrogar algumas das gloriosas vítimas da vitória, presumindo que daí pudéssemos extrair alguma instrução útil. Semelhantes temas de estudo, e principalmente de atualidade, não se apresentam a cada passo. Não conhecendo pessoalmente nenhum dos participantes da última batalha, rogamos aos Espíritos que nos assistem que nos enviassem alguém. Chegamos a pensar que a presença de um estranho seria preferível à de amigos ou de parentes dominados pela emoção. Dada uma resposta afirmativa, obtivemos as*

seguintes comunicações.

RE 1859 O Zuavo de Magenta

Isso se passou na Segunda Guerra Italiana de Independência. A guerra ocorreu em 1859, e foi travada entre o Reino da Sardenha, liderado por Camillo di Cavour, e a França, liderada pelo Imperador Napoleão III, contra o Império Austríaco. Exporemos alguns trechos dessa longa conversa além túmulo.

1. – Rogamos a Deus Todo Poderoso permita ao Espírito de um militar morto na batalha de Magenta vir comunicar-se conosco.

– Que quereis saber?

2. – Onde vos encontráveis quando vos chamamos?

– Não saberia dizer.

3. – Quem vos preveniu que desejávamos conversar convosco?

– Alguém mais sagaz do que eu.

4. – Quando em vida duvidáveis que os mortos pudessem vir conversar com os vivos?

– Oh! Isso não.

5. – Que sensação experimentais por estardes aqui?

– Isto me causa prazer. Segundo me dizem, tendes grandes coisas a fazer.

6. – A que corpo do exército pertencíeis? (Alguém diz a meia-voz: Pela linguagem parece um “zuzu”)

– Ah! Bem o dizes!

7. – Qual era o vosso posto?

– O de todo o mundo.

8. – Como vos chamáveis?

– Joseph Midard.

9. – Como morrestes?

– Quereis saber tudo sem pagar nada?

10. – Ainda bem que não perdestes a jovialidade. Dizei, dizei; nós pagaremos depois. Como morrestes?

– De uma ameixa [projétil] que recebi.

11. – Ficastes contrariado com a morte?

– Palavra que não! Estou bem, aqui.

12. – No momento da morte percebestes o que houve?

– Não. Eu estava tão atordoado que não podia acreditar.[nota a seguir]

NOTA de A. K.: Isto está de acordo com o que temos observado nos casos de morte violenta. Não se dando conta imediatamente da sua situação, o Espírito não se julga morto. Este fenômeno se explica muito facilmente. É análogo ao dos sonâmbulos, que não acreditam que estejam dormindo. Realmente, para o sonâmbulo, a ideia de sono é sinônima de suspensão das faculdades intelectuais. Ora, como ele pensa, não acredita que dorme. Só mais tarde se convence, quando familiarizado com o sentido ligado a esse vocábulo. Dá-se o mesmo com um Espírito surpreendido por uma morte súbita, quando nada está preparado para a separação do corpo. Para ele, a morte é sinônimo de destruição, de aniquilamento. Ora, desde que ele vive, sente e pensa, entende que não está morto. É preciso algum tempo para reconhecer-se.

13. – No momento de vossa morte, a batalha não havia terminado. Seguistes as suas peripécias?

– Sim, pois como vos disse, não me julgava morto. Eu queria continuar batendo nos outros cães.

14. – Que sensação experimentastes então?

– Eu estava encantado, pois me sentia muito leve.

15. – Víeis os Espíritos dos vossos camaradas deixando os corpos?

– Eu nem pensava nisso, pois não me acreditava morto.

16. – Em que se transformava, nesse momento, a multidão de Espíritos que perdia a vida no tumulto da batalha?– Creio que faziam o mesmo que eu

17. – Encontrando-se reunidos nesse mundo dos Espíritos, que pensavam aqueles que se batiam mais encarniçadamente? Ainda se atiravam uns contra os outros?

– Sim. Durante algum tempo, e conforme o seu caráter.

18. – Reconhecei-vos melhor agora?

– Sem isto não me teriam mandado aqui.

19. – Poderíeis dizer-nos se entre os Espíritos de soldados mortos há muito tempo ainda se encontravam alguns interessados no resultado da batalha? (Rogamos a São Luís que o ajudasse nas respostas, a fim de que, para nossa instrução, fossem tão explícitas quanto possível).– Em grande quantidade. É bom que saibais que esses combates e suas consequências são preparados com muita antecedência e que os nossos adversários não se envolveriam em crimes, como fizeram, se a isto não tivessem sido compelidos em razão das consequências futuras, que não tardareis a conhecer.

20. – Deveria haver ali Espíritos que se interessavam no sucesso dos austríacos. Haveria então dois campos de batalha entre eles?

– Evidentemente.

OBSERVAÇÃO: Não parece que estamos vendo aqui os deuses de Homero tomando partido, uns pelos Gregos, outros pelos Troianos? Na verdade, quem eram esses deuses do paganismo, senão os Espíritos que os Antigos haviam transformado em divindade? Não temos razão quando dizemos que o Espiritismo é uma luz que esclarecerá diversos mistérios, a chave de numerosos problemas?

21. – Eles exerciam alguma influência sobre os combatentes?

– Muito considerável.

22. – Podeis descrever-nos de que maneira eles exerciam tal influência?

– Da mesma maneira que todas as influências dos Espíritos se exercem sobre os homens. [pelo pensamento]

OBSERVAÇÃO: *É fato, como fica cada vez mais constatado, que a mentalidade do Espírito cria cenários de matéria fluídica ao seu redor. Outra coisa também pode ser possível: eles continuam no campo de batalha terreno, provavelmente com algumas "adições fluídicas". Tudo isso deve ser indistinguível, de início, quando no estado de perturbação. Contudo, não é regra, ou seja, não constitui uma verdade geral para todo soldado, morto em guerra (vide O Tambor de Beresina, RE, julho de 1858). O erro, sempre, é tomar as palavras de Espíritos quaisquer sem analisar o seu fundo, principalmente quando o Espírito está em perturbação pós-morte ou é pouco esclarecido, o que se denota de suas próprias ideias. Eis o longo trabalho de Psicologia Experimental de Kardec!*

23. – Que esperais fazer agora?

– Estudar mais do que o fiz em minha última etapa.

24. – Ides voltar como espectador aos combates que ainda serão travados?

– Ainda não sei. Tenho afeições que me prendem no momento. Contudo, espero de vez em quando dar uma fugida, para me divertir com as surras subsequentes.

25. – Que gênero de afeição vos retém ainda?

– Uma velha mãe doente e sofredora, que chora por mim.

26. – Peço que me desculpeis o mau pensamento que me atravessou o espírito, relativamente à afeição que o retém.

– Não tem importância. Digo bobagens para vos fazer rir um pouco. É natural que não me tomeis por grande coisa, tendo em vista o regimento medíocre a que pertenci. Ficai tranquilos, eu só me engajei por causa dessa pobre mãe. Mereço um pouco que me tenham mandado a vós.

27. – Quando vos encontráveis entre os Espíritos, ouvíeis o rumor da batalha? Víeis as coisas tão claramente como em vida?

– A princípio eu a perdi de vista, mas depois de algum tempo via muito melhor, porque percebia todas as artimanhas. [está falando no sentido dos pensamentos]

28. – Pergunto se escutáveis o troar do canhão.

– Sim.

29. – No momento da ação, pensáveis na morte e naquilo em que vos tornaríeis, caso fosseis morto?

– Eu pensava no que seria de minha mãe.

30. – Era a primeira vez que entráveis em fogo?

– Não, não. E a África?

31. – Vistes a entrada dos franceses em Milão?

– Não.

32. – Aqui sois o único dos que morreram na Itália?

– Sim.

33. – Pensais que a guerra durará muito tempo?

– Não. É fácil e por isso mesmo pouco meritório fazer tal predição.

34. – Quando vedes, entre os Espíritos, um dos vossos chefes, ainda o reconheceis como vosso superior?

– Se ele o for, sim; se não, não. [nota a seguir]

NOTA de A. K. : Na sua simplicidade e no seu laconismo, esta resposta é eminentemente profunda e filosófica. No mundo espírita, a superioridade moral é a única reconhecida. Quem não a teve na Terra, fosse qual fosse a sua posição, não tem, de fato, superioridade nenhuma. Lá o chefe pode estar abaixo do soldado e o patrão abaixo do servidor. Que lição para o nosso orgulho!

35. – Pensais na justiça de Deus e vos inquietais por isso?

– Quem não pensaria nisso? Felizmente não tenho muito o que temer. Eu resgatei, por algumas ações que Deus considerou boas, as poucas leviandades que cometi como “zuzu”, como dizeis.

36. – Assistindo a um combate, poderíeis proteger um de vossos companheiros e desviar dele um golpe fatal?

– Não. Não podemos fazer isso. A hora da morte é marcada por Deus. Se tem que acontecer, nada o impedirá, do mesmo modo ninguém poderá atingi-la se sua hora não tiver soado.

37. – Vedes o General Espinasse?

– Não o vi ainda. Mas espero vê-lo em breve.

SEGUNDA CONVERSA

(17 DE JUNHO DE 1859)

38. (Evocação).

– Presente! Firme! Em frente!

39. – Lembrai-vos de ter vindo aqui há oito dias?

– Como não?!

40. – Disseste-nos que ainda não tínheis visto o General Espinasse. Como poderíeis reconhecê-lo, já que ele não levou consigo seu uniforme de general?– Não, mas eu o conheço de vista. Ademais, não temos uma porção de amigos junto a nós, prontos a nos revelar a senha? Aqui não é como no quartel. A gente não tem medo de dar um encontrão com alguém, e eu vos garanto que só os velhacos ficam sozinhos.

41. – Sob que aparência aqui vos encontrais?

– Zuavo.

42. – Se vos pudéssemos ver, como o veríamos?

– De turbante e culote.

43. – Pois bem! Suponhamos que nos aparecêsseis de turbante e culote. Onde teríeis arranjado essas roupas, desde que deixastes as vossas no campo de batalha?

– Ora, ora! Não sei como é isto, mas tenho um alfaiate que me as arranja.

44. – De que são feitos o turbante e o culote que usais? Não tendes ideia?

– Não. Isto é lá com o trapeiro.

NOTA de A. K. : Esta questão da vestimenta dos Espíritos, como várias outras não menos interessantes, ligadas ao mesmo princípio, foram completamente elucidadas por novas observações feitas no seio da Sociedade. Daremos notícias disso no próximo número. Nosso bom zuavo não é suficientemente adiantado para resolver sozinho. Foi-nos preciso, para isso, o concurso de circunstâncias que se apresentaram fortuitamente e que nos puseram no caminho certo.

45. – Sabeis a razão pela qual nos vedes, ao passo que nós não vos podemos ver?

– Acredito que vossos óculos estão muito fracos.

46. – Não seria por essa mesma razão que não vedes o general em seu uniforme?

– Sim, mas ele não o veste todos os dias.

47. – Em que dias o veste?

– Ora essa! Quando o chamam ao palácio.

48. – Por que estais aqui vestido de zuavo se não vos podemos ver?– Simplesmente porque ainda sou zuavo, mesmo depois de cerca de oito anos, e porque entre os Espíritos conservamos essa forma durante muito tempo. Mas isso apenas entre nós. Compreendeis que quando vamos a um mundo muito diferente, como a Lua ou Júpiter, não nos damos ao trabalho de fazer essa toalete toda.

OBSERVAÇÂO: Isso aqui é muito interessante. O que eu entendo é que ele está se referindo ao fato de Espírito adotar uma forma perispiritual de acordo com o mundo onde vão e de acordo com a existência de uma personalidade nesse mundo, sem nem perceberem. Se tivesse vivido em um mundo distante como, por exemplo, um vendedor de animais, ao ser lá evocado, se apresentaria dessa forma.

49. – Falais da Lua e de Júpiter. Porventura já lá estivestes depois de morto?

– Não. Não estais me entendendo. Depois da morte nos informamos de muitas

coisas. Não nos explicaram uma porção de problemas da nossa Terra? Não conhecemos Deus e os outros seres muito melhor do que há quinze dias? Com a morte, o Espírito sofre uma metamorfose que não podeis compreender.

50. – Revistes o corpo deixado no campo de batalha?

– Sim. Ele não está bonito.

51. – Que impressão vos deixou essa vista?

– De tristeza.

52. – Tendes conhecimento de vossa existência anterior?

– Sim, mas não é suficientemente gloriosa para que possa me pavonear.

53. – Dizei-nos apenas o gênero de vida que tínheis.

– Simples mercador de peles de animais selvagens.

54. – Nós vos agradecemos a bondade de ter vindo pela segunda vez.

– Até breve. Isto me diverte e me instrui. Já que sou ***bem tolerado aqui***, voltarei de boa vontade.

OBSERVAÇÂO: A tolerância é uma das consequências da caridade. O zuavo se sentiu "acolhido" na comunicação.



A próxima publicação trará a evocação do oficial superior que estava na mesma batalha que este zuavo.